

SER UM JOVEM PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: DESAFIOS DO INÍCIO DA DOCÊNCIA

NADIANE FELDKERCHER¹; BEATRIZ MARIA BOÉSSIO ATRIB ZANCHET²

¹ Universidade Federal de Pelotas – nadianef@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – biazanchet@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O professor universitário iniciante é o profissional que começa a exercer a docência e é inexperiente nessa atividade. No período inicial da carreira ele constrói a sua forma de ser professor. Para FEIXAS (2002) esse profissional é “um professor jovem, recém-graduado, com alguma experiência profissional e com menos de três anos de experiência docente em uma instituição universitária” (p. 1). Concordamos com FEIXAS (2002) ao delimitar o máximo de três anos de experiência docente para o professor iniciante. Contudo, diferentemente da autora, admitimos que esse professor pode não possuir experiência profissional, sequer em sua área de formação, quando assume a docência.

FEIXAS (2002) remete-nos à ideia de que o professor iniciante pode ser jovem. A autora destaca que o jovem “professor iniciante muitas vezes mostra grande entusiasmo e dinamismo na nova tarefa”¹ (FEIXAS, 2000, p. 4). A condição de ser jovem pode se constituir em um fator um tanto motivador para o professor que inicia o seu trabalho como também PODE se configurar em um desafio para o enfrentamento de sua prática.

Cabe lembrar que a formação do professor iniciante não o preparou para a docência superior; mas para a atuação em uma área profissional específica, ou, no caso dos cursos de licenciatura, para a atuação no magistério em escola básica. Caso o professor tenha feito cursos de mestrado e doutorado, tampouco terá a formação para a docência pois esses cursos formam pesquisadores. Com isso sinalizamos que alguns profissionais tornam-se professores universitários sem terem tido uma formação formal para o exercício da docência superior.

A partir dessas possibilidades de ser professor universitário é que estabelecemos nosso foco de pesquisa. Interessa-nos saber como os jovens professores universitários iniciantes encaram suas passagens da condição de estudantes para docentes e quais são as implicações do ser um jovem professor universitário.

2. METODOLOGIA

A coleta de dados foi realizada com seis jovens professores iniciantes na carreira docente da Universidade Federal de Pelotas, que colaboraram através de entrevistas individuais. Na entrevista, dentre outros aspectos, priorizamos a mudança de papel de estudante para professor e a condição jovem desses professores - os quais apresentamos brevemente nesse trabalho.

¹ Todas as traduções de textos para o português apresentadas nesse trabalho são de nossa responsabilidade.

As informações obtidas através das entrevistas foram trabalhadas através da análise de conteúdo (BARDIN, 2004) e interpretadas através do referencial teórico que sustenta o trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os seis jovens professores entrevistados² possuíam de 28 a 32 anos de idade, com um tempo de aproximadamente seis meses a dois anos de experiência docente. Eles pertencem a distintas áreas de formação: Medicina Veterinária, Meteorologia, Odontologia, Nutrição e Engenharia Civil. Foram estudantes que fizeram na sequência ou com intervalo menor do que um ano seus estudos de graduação, mestrado e doutorado e, ingressaram na carreira docente. Antes de assumirem a docência Guilherme e Rafaela trabalharam durante um ano em suas áreas específicas de formação, os outros quatro professores não tiveram experiências profissionais formais anteriores aos seus ingressos na docência. Todos são, portanto, jovens em idade, iniciantes na profissão docente e vivendo um período de transição entre a condição de aluno para a posição de professor.

A passagem que fizeram de seus papéis de estudantes para a de professores foi definida como “traumática” (Fabiana), “estranha” (Laura). Outro professor contou que “caiu professor” (Guilherme). Todas essas expressões enfatizam as dificuldades da passagem da condição de estudante para a de professor ou os desafios do início da carreira docente, muitas vezes caracterizado como sendo “uma prova de fogo” (FLORES, 2009) ou período de “sobrevivência” (MARCELO GARCÍA, 2009). BOZU (2009) argumenta que a iniciação à docência é marcada por um choque no sentido de que existe uma confrontação com a complexa realidade do exercício docente e com a transição da vida de estudante à vida mais exigente do trabalho. Alguns desses profissionais se veem “caindo como professores” e veem o início da profissão como “traumática” e “estranha” pois, quem sabe, somente nesse momento é que realmente se dão conta que já abandonaram a identidade estudantil, que se inseriram em um campo profissional para o qual não foram preparados, que assumiram uma profissão com conhecimentos próprios e, assim, ficam preocupados por terem que dar conta dessas exigências profissionais e terem que construir outra identidade.

Quando avaliaram suas condições de jovens na posição de professores os entrevistados fizeram alguns destaques que percebemos como positivos e outros como desafios a essa condição. Referente aos aspectos positivos de ser um jovem professor teve ênfase a menção sobre a proximidade geracional dos professores com seus alunos. Alguns apontaram possuir gostos semelhantes, estilos musicais iguais, código comunicacional comum, as mesmas angústias e, conseqüentemente, sentem-se próximos ou iguais aos seus alunos em alguns aspectos.

Outro fator positivo da condição de jovem professor é a disposição, o ânimo, o “estar no pique” (Guilherme). Esses apontamentos aproximam-se do que sinaliza FEIXAS (2000), que os professores universitários que são jovens tendem a dispor da capacidade de atualizar-se, de ter ideias frescas, entusiasmo e dinamismo. Vale ressaltar que essas características não são próprias e exclusivas dos professores que iniciam a carreira e que são jovens.

² Aqui identificados com nome fictícios, definidos aleatoriamente, respeitando o gênero dos colaboradores.

O professor Guilherme fez dois destaques particulares que nos parecem significativos sobre a sua condição de jovem docente. Ele contou que ao mesmo tempo em que ser um professor de pouca idade lhe gera uma realização pessoal e profissional gera também situações engraçadas. Ele sente-se feliz por ser jovem e já estar no “mais alto grau da carreira” e ri quando alguns alunos lhe perguntaram qual semestre do curso de graduação ele está cursando ou quando seus colegas professores lhe dizem que ele tem a idade de seus filhos. O fato de ser um professor novo em idade e novo na profissão pode ser novidade tanto para Guilherme como para seus alunos e seus colegas professores por, talvez, não estarem acostumados com o fato.

Laura e Caio demarcaram que o relacionar-se com alunos jovens ajuda-os a manterem-se jovens. Ela argumentou que por esse relacionamento sente que não envelhece. Os dois destacaram o prazer de trabalhar com jovens, de estar no meio deles e que isso se configura como uma motivação para suas atuações.

O ser jovem também trás implicações para esses professores. A principal desvantagem apontada por eles está em torno dos medos, inseguranças e desafios gerados por essa condição. Essas características podem ultrapassar a condição jovem e definir o início da carreira docente como um todo, onde essas angústias são comuns a todos os professores. O ideal seria tomar essas inseguranças não como algo ruim, mas como um valor (NEPOMNESCHI, 2012) tendo em vista o desenvolvimento desse profissional e a melhora de sua prática.

André contou que teve pouca experiência profissional antes de iniciar a docência e que isso se configura como um desafio para ele no seu meio acadêmico, nas palestras que desenvolve e entre seus pares no sentido de sempre ter que estar demonstrando competência profissional. A professora Laura falou que sente uma dificuldade para ser reconhecida por seus pares. Já o professor Guilherme destacou que se cobra demais, no sentido de sempre buscar melhorar. Os apontamentos desses três professores parecem demonstrar certa pressão que se cria em torno do jovem professor iniciante tanto por parte de colegas professores, comunidade acadêmica quanto por eles mesmos. Por serem jovens, iniciantes e por terem pouca experiência profissional parece que esses professores precisam conquistar um espaço entre seus pares que parecem atrelar a experiência (de vida e profissional) com a competência do professor.

Caio conta que gostava de ser tratado como estudante de doutorado e que percebe o nome de “professor universitário” como um rótulo que colocaram nele, rótulo que muda o relacionamento de pessoas do seu círculo de amizades com ele, que não o deixa confortável entre o grupo de seus colegas professores e que o traz restrições quanto a sua aproximação do grupo de alunos. Caio vive a construção da sua identidade docente e está sentido por ter que se desfazer de sua identidade de estudante, a qual carregou por muitos anos seguidos.

Alguns professores destacaram que por estarem iniciando a carreira, por desconhecerem a organização do trabalho sentem algumas dificuldades em relação a aspectos burocráticos ou em relação a adaptação ao sistema de ser docente universitário. Eles não atrelam essa fator a condição jovem mas ao fato de serem iniciantes, inexperientes na função que assumiram.

4. CONCLUSÕES

A partir do exposto pelos professores iniciantes entrevistados percebemos que a passagem do papel de estudante para o papel de professor é marcante na vida desses profissionais, tanto pelos aspectos de realização e conquista quanto pelos das dificuldades encontrados no início da docência. No início da carreira eles vivenciam o desconhecido, a insegurança, o despreparo. Eles são professores que estão assumindo os valores docentes, visto que até então tinham valores de estudantes e/ou de pesquisadores.

O ser jovem, o ser novo em idade também é percebido pelo ângulo da felicidade e das energias positivas e pelo ângulo dos desafios impostos por essa condição.

O relato dos entrevistados demonstrou-nos que os jovens professores universitários iniciantes estão em uma situação de intensas e às vezes tensas aprendizagens da docência e nesse contexto necessitam buscar um equilíbrio pessoal e profissional para construir-se suas identidades docentes. Eles precisam desapegar-se de suas identidades de estudantes e construir uma nova identidade. E ao mesmo tempo em que constroem suas identidades docentes precisam também conquistar os seus espaços de professores junto aos seus pares.

5. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3ª ed. Lisboa: Edições 70. 2004.

BOZU, Zoia. El profesorado universitario novel y su proceso de inducción profesional. **Magis**. n. 2. p. 317-328. Bogotá, Colombia, Enero-Junio de 2009.

FEIXAS, Mónica. El profesorado novel: Estudio de su problemática en la Universitat Autònoma de Barcelona. **Revista de Docencia Universitaria**. Murcia, Espanha, v. 2, n. 2, 1 p., 2002.

FEIXAS, Mónica. Los cambios en la docencia del profesor universitario. In: **Enciclopedia virtual de didáctica y organización escolar**. 2000, p. 1-26.

FLORES, Maria Assunção. La investigación sobre los primeros años de enseñanza: lecturas e implicaciones. In: MARCELO GARCÍA, Carlos (Coord.) **El profesorado principiante: inserción a la docencia**. Barcelona, Octaedro: 2009. p. 59-98.

MARCELO GARCÍA, Carlos. "Políticas de inserción a la docencia": de eslabón perdido a puente para el desarrollo profesional docente. In: ____ (Coord.) **El profesorado principiante: inserción a la docencia**. Barcelona, Octaedro: 2009. p. 7-57.

NEPOMNESCHI, Martha. **O papel docente e a formação de professores: estudos e práticas na Argentina**. Palestra realizada IFSUL, Pelotas, em 13 set. 2012.